

# BREVES ANÁLISES DO DISCURSO SOBRE LGBT NA IMPRENSA<sup>1</sup>

## BRIEF ANALYSIS OF THE DISCOURSE ON LGBT PRESS

Iran Ferreira de Melo<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este estudo consiste na análise de como homossexuais – lésbicas e gays –, bissexuais e pessoas transgêneras – travestis, transexuais e intersexuais – (LGBT), indivíduos historicamente excluídos de seus direitos sociais, são representados/as no jornal impresso de maior circulação do Brasil, a *Folha de S. Paulo*. O material que serviu de *corpus* ao trabalho foi composto por notícias sobre a realização do evento denominado *Parada do Orgulho LGBT*, ação coletiva organizada na cidade de São Paulo por pessoas que defendem a garantia da igualdade de direitos a LGBT.

**Palavras-chave:** LGBT; *Folha de S. Paulo*; Representação dos atores sociais.

**ABSTRACT:** This study consists in the analysis about how homosexuals – lesbians and gays –, bisexuals and transgender people – transvestites, transsexuals and intersex – (LGBT) individuals historically excluded from their social rights, are represented in the printed newspaper with the largest circulation from Brazil, *Folha S. Paulo*. The material that composed the *corpus* of work was comprised of news about the event called *LGBT Pride Parade*, collective action organized in São Paulo city by people who defend the assurance of equality rights to LGBT.

**Keywords:** LGBT; *Folha de S. Paulo*; Representation of Social Actors.

### Contextualizando a estória

Na perspectiva de um enquadre crítico sobre a linguagem, o enfoque de uma investigação dita científica foge à ideia positivista de tomar a sociedade como fato objetivo e o uso da linguagem como sua projeção. Mais do que isso, abordagens desse tipo concebem que o significado linguístico é inseparável dos sistemas de ideologia e que ambos dependem da estrutura social (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2004). Assim, esse enquadre aponta para o entendimento de que a Linguística contemporânea precisa desconstruir os significados tomados como óbvios ou as agendas ocultas presentes nos

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 25/04/2019 e aceito em 22/06/2019.

<sup>2</sup> Doutor pela USP; professor de Língua Portuguesa da UFRPE. E-mail: iranmelo@hotmail.com.



textos, expondo elementos indiciais reprodutores da organização social, que privilegiam certos grupos e indivíduos em detrimento de outros, por meio de formas institucionalizadas de ver e avaliar o mundo (ideologias) ou pela preservação de poderes de grupos dominantes (hegemonia), uma vez que “a linguagem projeta, permanentemente, relações e estruturas sociais, de acordo com os desejos dos participantes, em regra os do(s) participante(s) mais poderosos” (PEDRO, 1997, p. 33). Nesse sentido, como resposta ao irrecusável compromisso que nos cobra a vida hodierna, suas práticas e seus discursos, é imperativo partir dessa perspectiva crítica para reinventar o modo como tradicionalmente pensamos a relação entre a sociedade e a linguagem, exigindo “do cientista em geral (e do linguista, em particular) procurar ver ‘com novos olhos’ os fatos, porque é destas novas visadas que a ampliação do conhecimento acaba por surgir” (BORGES NETO, 2004, p. 08).

Nessa seara, enquadra-se o trabalho de pesquisa que originou este texto, cujo objetivo consiste em analisar a função do discurso na construção de representações sobre um coletivo de pessoas que secularmente está à margem da história oficial, sendo desvalido de elementares direitos sociais e humanos em todo o mundo: *mulheres e homens homossexuais – lésbicas e gays – e bissexuais, bem como pessoas transgêneras – travestis, transexuais –, intersexuais e não-binárias* (LGBT). Desenvolvi, nesse estudo citado, a análise da representação de tais atores, realizada em notícias do jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*, publicadas de 1997 a 2012 e que tematizam uma atividade de militância social organizada por esses indivíduos, a *Parada do Orgulho LGBT de São Paulo*.

Mostrarei aqui, num recorte desta pesquisa, em que datas as notícias foram publicadas e qual o grau de visibilidade por ocorrência de publicação, a fim de que possamos aferir o grau de adesão e negligência quanto ao acontecimento público que é a Parada. Em função disso, foi importante saber: (1) se a Folha apagou completamente a existência da Parada da pauta do jornal tanto no dia em que o evento ocorreu quanto na véspera desse dia; (2) se esse jornal publicou, sequer, alguma notícia sobre o evento numa dessas ocasiões; ou (3) se esse periódico transformou a Parada em fato noticioso que deve ser acompanhado integralmente, suitando-o em notícias de dias subsequentes. Essa gradação de realizações no jornal classifiquei, para fins de registro nos dados, em três tipos: Apagamento (1), Registro Parcial (2) e Registro Total (3).



Além disso, exporei se as notícias possuíam estrutura de Resumo na capa, como Manchete, Abertura, chamada e Foto-legenda. Com isso, observei as ocorrências (ano, data) e as frequências dessas estruturas, assim também apresentaremos como esse procedimento ajuda a identificar o grau de visibilidade dado ao evento, de acordo com a escolha em colocá-lo num plano de destaque no jornal (na capa) isto é, como um dos fatos noticiosos mais importantes da edição. Essa localização funciona como um processo de tematização do conteúdo a ser lido no jornal inteiro, pois aponta um modo de produção semiótica que revela, por sua posição na camada mais externa do suporte (ou seja, na camada mais imediata de leitura), a escolha de um lugar de acesso. Em outras palavras, a seleção da notícia para a capa do jornal permite um contato mais direto com o/a leitor/a (muitas vezes, salientado por imagens coloridas, letras maiores e mais destacadas). Se a notícia for apresentada na capa (por qualquer que seja a estrutura), garantirá mais visibilidade, pois, desse modo, será apreendida não apenas por quem ler o relato, mas também por quem não optar por abrir e folhear o veículo.

### **Tecido histórico e teoria-mestra de análise crítica de discurso para o estudo**

Sob uma abordagem dialética entre a linguagem e o funcionamento estrutural da sociedade e segundo os padrões de uma ciência crítica, surgiu, nas últimas décadas, um programa de pesquisas que parte do princípio de que a análise linguística pode contribuir como precioso instrumento para o estudo das relações de poder que se manifestam discursivamente e geram desigualdades no acesso a bens materiais e simbólicos da sociedade atual (VAN DIJK, 2008). Trata-se da perspectiva de estudos linguísticos denominada Análise Crítica do Discurso (ACD), abordagem que não corresponde em si a uma disciplina da Linguística (nos moldes da Linguística de Texto, Sociolinguística, Análise da Conversação, entre outras), mas a uma forma de investigação que linguistas já filiados a diferentes disciplinas assumem ao analisar a linguagem, oferecendo suporte científico para o questionamento de problemas sociais que engendram poder por meio da manutenção e transformação de representações, identidades, sistemas de crença e conhecimento e relações sociais (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003; LEAL, 2009; MAGALHÃES, 2010).



A gênese desse paradigma de pensamento resultou da publicação, em 1984, do primeiro livro sobre racismo escrito pelo linguista holandês Teun van Dijk, *Prejudice in Discourse*, e das obras *Language and power* e *Language, power and ideology*, respectivamente de autoria do britânico Norman Fairclough e da linguista Ruth Wodak, ambas lançadas em 1989. No entanto, o termo “análise crítica do discurso” foi usado pela primeira vez por Norman Fairclough, então professor da Universidade de Lancaster, em um artigo intitulado *Critical and Descriptive Goals in Discourse Analysis*, publicado no periódico *Journal of Pragmatics* em 1985.

Podemos dizer que, muito além de uma proposta estritamente científica da linguagem, a ACD corresponde a uma abordagem crítica que ultrapassa o seio das entidades de pesquisa, para compreender, desvelar e opor-se às desigualdades sociais de todos os tipos (VAN DIJK, 2005), assumindo o ponto de vista de uma abordagem preocupada em construir ações de fortalecimento da consciência daqueles/as que se encontram em situação de subalternidade (SPIVAK, 2000). Ela se ocupa dessas questões partindo de uma perspectiva que seja coerente com o que é melhor para os interesses dos grupos dominados e reflete sobre as experiências e opiniões dos membros desses grupos, contrapondo-se aos vários tipos de opressão e avaliando os problemas que levam as pessoas a se tornarem subalternas (VAN DIJK, 2005).

## Resultados

Quanto ao grau de visibilidade do evento por ocorrências da notícia de acordo com ano e data de publicação, percebi que a Parada foi reportada pela *Folha de S. Paulo* em todos os anos que aconteceu, ainda que esse evento tenha passado por mudanças estruturais significativas, que geraram diferentes modos de visibilidade. Diante disso e considerando que outros estudos, a exemplo de Melo (2010), já têm comprovado o fato de ações coletivas lúdicas de LGBT nem sempre serem alvo da agenda dos maiores jornais no Brasil, a Folha se apresenta como um canal de alta visibilidade quanto às ocorrências de publicações sobre a Parada de São Paulo.

Das dezesseis edições da parada paulistana, onze foram noticiadas pela Folha no dia em que aconteceu o evento e na data posterior (trata-se das edições realizadas de 1999 a 2007, em 2009 e em 2012), ou seja, com Registro Total – segundo o nosso recorte de pesquisa –, inclusive apresentando



detalhamento de informações contidas no Relato. As outras cinco edições serviram de pauta do jornal em apenas um desses dois dias, isto é, com Registro Parcial: na data em que se realizou o evento (as edições de 1997 e 2008) ou no dia seguinte (1998, 2010 e 2011). O quadro a seguir reúne esses dados, destacando com sombreamento as linhas que discriminam o Registro Parcial.

Quadro 1. Registro das ocorrências de notícias sobre a Parada

Edições da Parada	Ano	Data de publicação
<b>1ª</b>	<b>1997</b>	<b>28/06</b>
<b>2ª</b>	<b>1998</b>	<b>29/06</b>
<b>3ª</b>	<b>1999</b>	<b>27/06</b> <b>28/06</b>
<b>4ª</b>	<b>2000</b>	<b>25/06</b> <b>26/06</b>
<b>5ª</b>	<b>2001</b>	<b>17/06</b> <b>18/06</b>
<b>6ª</b>	<b>2002</b>	<b>02/06</b> <b>03/06</b>
<b>7ª</b>	<b>2003</b>	<b>22/06</b> <b>23/06</b>
<b>8ª</b>	<b>2004</b>	<b>13/06</b> <b>14/06</b>
<b>9ª</b>	<b>2005</b>	<b>29/05</b> <b>30/05</b>
<b>10ª</b>	<b>2006</b>	<b>17/06</b> <b>18/06</b>
<b>11ª</b>	<b>2007</b>	<b>10/06</b> <b>11/06</b>
<b>12ª</b>	<b>2008</b>	<b>25/05</b>
<b>13ª</b>	<b>2009</b>	<b>14/06</b> <b>15/06</b>
<b>14ª</b>	<b>2010</b>	<b>07/06</b>
<b>15ª</b>	<b>2011</b>	<b>27/06</b>
<b>16ª</b>	<b>2012</b>	<b>10/06</b> <b>11/06</b>

Fonte: Produção do autor.



A variação de ocorrência de notícias sobre a Parada nesses anos em que tal evento se deu – ora duas publicações, ora uma – possui inúmeras razões que não analisamos. No entanto, podemos inferir possibilidades. Os dois primeiros anos talvez tenham recebido apenas uma matéria porque a proposta de Paradas LGBT era nova no Brasil e não tinha ainda grande adesão da população, a ponto de se sobressair entre os já variados eventos de contestação pública que se realizavam na avenida Paulista. Além disso, a ordem de discurso reivindicatória predominante nos primeiros anos (principalmente nas duas edições iniciais) era construída semioticamente por formações de discursos característicos da militância política (*stricto sensu*), mormente da militância de esquerda – faixas, cartazes, bandeiras, palavras de justiça, clamor por democracia –, o que não diferia de outros tipos de protesto já tradicionais na cidade – como as manifestações de sindicalistas, de movimentos estudantis, ambientalistas, e de trabalhadores/as sem-terra – e, portanto, não chamando a atenção da sociedade em geral.

Com as mudanças estruturais a partir da edição de 1999 (financiamento do mercado segmentado e apoio estatal) e mais particularmente com o processo de carnavalização que caracterizou o evento dos anos 2000 em diante, a Parada se consolidou não apenas como uma vultosa mobilização política, mas também como um dos principais atrativos turísticos da cidade de São Paulo e o maior evento do gênero no mundo. Isso talvez justifique o Registro Total de publicações em nove anos consecutivos (de 1999 a 2007), refletindo maior interesse do jornal em publicar o evento.

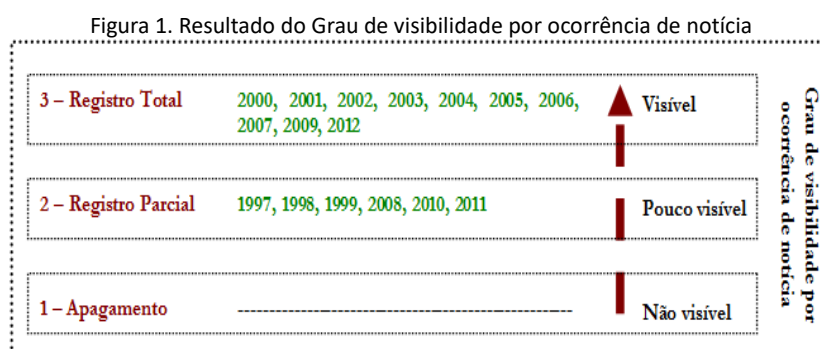
Já nos últimos cinco anos (de 2008 a 2012), com a consolidação da *Folha Online* como um veículo de comunicação bastante acessado pelo público-leitor para buscar informações sobre os fatos que são noticiados enquanto estão ocorrendo (em tempo real), a função noticiosa do jornal impresso é prejudicada, pois a publicação do noticiário nesse suporte é posterior à sua transmissão pela web. Com os meios eletrônicos e digitais e a televisão, os fatos tendem a ser noticiados enquanto estão ocorrendo, de maneira que a função noticiosa do jornal impresso é afetada, pois se torna rapidamente obsoleta. Isso possivelmente limitou a publicação impressa na *Folha*. Esse fato pode justificar o Registro Parcial nos anos 2008, 2010 e 2011, ainda que haja alternância com dois anos de Registro Total, 2009 e 2012, sendo este último caracterizado como uma tendenciosa ocorrência, visto que, nesse período, havia interesse do jornal em publicar na notícia do dia seguinte



alguns dados fornecidos pelo Datafolha sobre a quantidade de participantes que acompanhou a Parada.

Tais escolhas do jornal correspondem a uma posição explícita quanto à eleição de pauta, o que é resultado de uma atuação do grupo de controle da empresa jornalística para garantir a sua manutenção ideológica. No contexto de práticas de representação da Folha, podemos entender que isso se deu a partir do momento em que o jornal expandia-se como uma forte fatia do oligopólio do mercado editorial de comunicação e no Brasil. Nessa época, esse periódico caracterizou-se por ampla atuação na formação de um conglomerado midiático voltado a diversos nichos de mercado.

Enfim, por não constatar Apagamento de publicação, percebi que a Folha, quanto à ocorrência de notícia, produziu um alto grau de visibilidade da Parada. Isso não aponta para a qualidade da representação dos atores no evento, mas significa um traço de escolha para a produção de notícias no jornal e implica uma espécie de focalização que esse periódico fornece a tal atividade pública e a consequente possibilidade de acesso do público ao evento, ainda que este ocorra por mediação jornalística. Pode-se ilustrar essa verificação na imagem seguinte.



Fonte: Produção do autor.

Em relação ao grau de visibilidade que a Parada recebeu por meio de notícias que têm extensão de Resumo na capa do jornal, constatei que há presentes três elementos: Abertura, Chamada e Foto-legenda. Por não haver nenhum caso de Manchete, desde já podemos afirmar que as notícias sobre a Parada de São Paulo não foram representadas, em nenhum momento, como a informação mais relevante para a Folha nas edições analisadas. Esse registro revela não apenas o grau de importância dado pelo jornal ao evento como



fato noticioso, mas também aponta o nível de visibilidade que as notícias receberam diante do público-consumidor do periódico, que, nesse caso, resvalou para as outras estruturas de menor destaque na capa. Quanto às ocorrências das outras estruturas, vejamos uma síntese no quadro a seguir:

Quadro 2. Registro das ocorrências de elementos do Resumo na capa

Edições	Ano	Datas de publicação	Abertura	Chamada	Foto-legenda
1ª	1997	28/06			
2ª	1998	29/06			
3ª	1999	28/06			
4ª	2000	25/06			
		26/06	X		
5ª	2001	17/06			
		18/06			X
6ª	2002	02/06			
		03/06	X		
7ª	2003	22/06			
		23/06	X		
8ª	2004	13/06		X	
		14/06			X
9ª	2005	29/05		X	X
		30/05	X		
10ª	2006	17/06			
		18/06			X
11ª	2007	10/06		X	
		11/06	X		
12ª	2008	25/05			
13ª	2009	14/06		X	
		15/06	X		
14ª	2010	07/06		X	
15ª	2011	27/06			X
16ª	2012	10/06			
		11/06	X		

Fonte: Produção do autor.

Identifiquei sete ocorrências de Abertura, sendo distribuídas entre os anos 2000 e 2012, sem o acompanhamento das outras estruturas de capa. Sua realização se deu sempre no segundo dia de publicação, momento em que a notícia vem, em geral, caracterizada como reportagem. Isso talvez explique a escolha dessa estrutura de capa, que se caracteriza por resumir





notícias mais extensas, que apresentam uma sequência investigativa e requintes de detalhes sobre o fato noticiado. Nesses anos em que a Folha apresentou a Abertura como estrutura do Resumo na capa, a Parada vivenciava sua ascensão como evento de visibilidade, o que pode justificar o uso maior de reportagens (para dar conta das muitas nuances que esse ativismo passou a suscitar) e consequentemente a opção por esse elemento textual. Somado a isso, verifiquei que esse elemento se apresentou quase sempre sob o padrão de dois parágrafos que resumem os dados do Lide e Sublide da notícia publicada dentro do caderno.

Já a Chamada, numa quantidade menor nos dados (cinco ocorrências), esteve presente nos anos 2004, 2005, 2007, 2009 e 2010, e também, como a Abertura, no período de enorme ascensão da Parada como expressão do movimento LGBT no Brasil. Entretanto, ao contrário dessa outra estrutura, a Chamada aparece – exceto em 2010 – nas datas de realização da marcha, dias em que a notícia tem menor extensão se comparada àquela prevista para ser suitada, pois não dispõe de muitas informações para preencher o Relato. Esse pode ser o motivo da escolha pela estrutura genérica Chamada, e não pela Abertura nesses dias, já que a primeira corresponde a um recurso de menor abrangência sobre o acontecimento noticiado.

Encontrei apenas uma edição que reúne a Chamada e outra estrutura de capa observada. Considerei esse caso atípico, pois, num mesmo registro, podemos perceber uma estrutura tipológica de Chamada unida a algo que parece ser um Texto-legenda. Trata-se da ocorrência publicada na edição de 29/05/05.

Esse registro é introduzido por um Chapéu e sucedido por um Título (elemento de contextualização que pode haver na Chamada), sugerindo apontar para uma argumentação que está presente no segundo período do corpo textual: a expectativa da Parada em agrupar um número recorde de pessoas. Além disso, no primeiro período, o texto apresenta uma descrição da imagem onde está enquadrado, o que é característico de um Texto-legenda. No entanto, como a informação verbal e a foto não correspondem ao que foi dito no Título e no restante do texto, mas apontam para outro dado, não podemos classificar o hibridismo entre uma Chamada e um Texto-legenda, mas entre uma Chamada e uma Foto-legenda, estrutura autônoma que não compreende uma informação dependente dos argumentos da notícia.



Quanto às ocorrências de Foto-legenda entre os dados de capa, verifiquei a mesma quantidade que a Chamada: cinco casos. Seu registro é constatado a partir da edição de 18/06/01, época em que a Parada estava recebendo cobertura midiática cada vez mais e tornando-se um evento reconhecidamente de massa. Os outros quatro casos se deram nos anos de 2004, 2005, 2006 e 2011, e, na maior parte das ocorrências, essa estrutura foi publicada em datas posteriores ao dia da Parada, coincidindo apenas uma vez com uma outra estrutura de capa que analisamos aqui (a Chamada); trata-se do caso ilustrado.

Como elemento de grande visibilidade, pois une dois modos de linguagem (escrita e fotografia), a Foto-legenda, em geral, ocupa lugar de destaque na capa das edições que escolhemos, estando, às vezes, no centro da página, assemelhando-se em tamanho a outras fotos e apresentando um comprimento que chega a englobar um terço da lauda, como podemos ver nos três exemplos a seguir.

Figura 2. Disposição da Foto-legenda na capa



Fonte: Produção do autor a partir da Folha de São Paulo.

Diferentemente do que foi visualizado nos registros de Abertura e Chamada – publicados de modo quase regular entre os anos de ocorrência –, a Foto-legenda aparece com maior concentração em notícias publicadas de 2004 a 2006 (três casos). Essas publicações enquadram-se no período de maior visibilidade por ocorrência de publicação no jornal (de 2000 a 2007), o



que nos leva a atribuir a sua realização às mesmas razões que comentei anteriormente ao tratarmos dessa variável. Além disso, todos os casos de Foto-legenda encaixam-se no interstício dos anos em que as notícias receberam Abertura, isto é, durante os anos 2000. É nesse espaço de tempo que verifiquei, na verdade, a concentração das três estruturas do Resumo na capa que encontrei em nossos dados.

Arelado a isso, na edição de 30/05/05, o conjunto dessa dupla estrutura (Abertura e Foto-legenda) conta ainda com duas Frases sobre o evento, ambas citações de José Serra, então prefeito de São Paulo, e Marta Suplicy, ex-prefeita dessa cidade e que, na ocasião, a Folha alegara participar do evento para fazer campanha eleitoral. Embora essas Frases não façam parte do *corpus* – pois considerei que, por ter uma única ocorrência, não caracterizam representatividade diante das outras estruturas –, vale salientar que, no bojo dos constituintes textuais que apontam para a notícia sobre a Parada naquela edição, esse elemento fortalece a visibilidade de capa.

Segundo os resultados da observação sobre o uso das quatro estruturas que a literatura teórica nos aponta como sendo índices de visibilidade da notícia na capa de um jornal (Manchete, Abertura, Chamada e Foto-legenda), percebi primeiramente que esses recursos só passaram a ter existência em nosso *corpus* a partir do ano 2000, quando se noticiava a quarta edição da Parada e isso pode ter relação com o crescimento do evento que começa nessa época, sendo fruto dele e, ao mesmo tempo, reforçando-o, ao passo que o registro dessas estruturas de capa pode dar mais notoriedade à passeata e, com isso, mais pessoas também podem se interessar em conhecê-la. Outro aspecto importante é verificar que esses recursos do Resumo na capa tornaram-se comuns após sua primeira aparição no jornal. Das 21 edições posteriores ao primeiro registro, somente 06 não apresentaram esse destaque. Além disso, é relevante também dizer que, entre 2003 e 2007 – justamente o período em que a Parada bateu o recorde de público – somente uma edição não contou com nenhum dos três recursos que descrevemos nos dados; somaram-se nesse período 09 registros deles. Da mesma forma, entre as ocorrências de 2009 e 2012, apenas uma publicação não possuiu as estruturas de capa. Nessa fase, houve menos edições do jornal sobre a Parada, mas, ainda assim, encontramos cinco casos das estruturas temáticas de capa.



Mesmo sem ocorrência de Manchete, as outras estruturas (Abertura, Chamada e Foto-legenda) foram vistas com uma relativa frequência, levando a afirmar que houve um bom grau de visibilidade por tematização na capa e, o que é mais pertinente para a pesquisa, fazendo reconhecer uma coerência entre os anos de “ebulição” do evento (é claro que em termos quantitativos) e o ascendente uso dessas estruturas. Esse grau de visibilidade somado ao desenvolvimento tecnológico e a maior atenção do Grupo Folha às questões que envolviam a práxis mercadológica do segmento LGBT são fatores que não podemos desconsiderar quando traçamos um olhar crítico sobre os vários momentos da história de representação do ativismo LGBT na *Folha de S. Paulo*. Em outras palavras, a relação do conjunto de práticas que envolvem a luta por visibilidade LGBT com as práticas particulares semióticas produzidas pela Folha é capaz de gerar um discurso e um sistema de representação complexos do ponto de vista social.

## Palavras finais

Ao fim deste trabalho, reconheço que a quantidade mobilizada de categorias de análise pode ser ampliada ou diminuída, ao critério do/a analista; que os enquadres das categorias estão passíveis de substituição, de acordo com o foco de estudo; e que a conjugação entre as categorias propostas pelos diferentes autores não é obrigatória para uma investigação como a que procedi, isso dependerá dos objetivos de pesquisa. Considero ainda que um levantamento descritivo em outras esferas da imprensa (tv, rádio, internet) ampliaria os dados de análise e asseguraria ainda mais a representatividade dos resultados e que uma interpretação enquadrada sob diferentes teorias das Ciências Sociais produziria olhares também significativos.

Em suma, estas não são as últimas palavras deste trabalho. Entendo que o maior resultado da pesquisa ainda não foi alcançado. Não se trata da finalização escrita deste texto, tampouco do que percebi a partir do exame dos dados. Ao contrário, corresponde a um profícuo diálogo que, a partir de agora, posso iniciar com leitores/as interessados/as nos temas que abordei aqui. Um diálogo sem ponto final, de inquietações e problematizações sobre os posicionamentos e os caminhos seguidos na investigação, mas, sobretudo, um diálogo em nome de uma proposta que ajude mais pessoas a percorrer o “caminho do arco-íris”, onde, a cada cor,



enfeixam-se descobertas sobre os potenciais da linguagem na diversidade humana e sobre as múltiplas relações entre esses potenciais e os contextos culturais, cognitivos, ideológicos, políticos e históricos que servem à representação. Desse modo, a rede, na qual este artigo é apenas um nó, continuará sendo tecida no trabalho de desvelar os ingredientes das estruturas e práticas sociais de que todos/as nós fazemos parte.

## Referências

**BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.)** Marxismo e filosofia da linguagem. **Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 11. Ed. Tradução Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

**BORGES NETO, J.** Ensaio de filosofia da linguística. São Paulo: Parábola, 2004.

**CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N.** Discourse in late modernity. **Rethinking critical discourse analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

**FAIRCLOUGH, N.** Analysing discourse: **textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

\_\_\_\_\_. Discurso e mudança social. Tradução Maria Izabel Magalhães (org.). Brasília: UNB, 2001.

**LEAL, M. C. D.** Quem são eles? A questão da identidade em manifestações de rua. In: SILVA, D. H. G.; LEAL, M. C. D.; PACHECO, M. C. N. (orgs.) Discurso em questão. **Representação, gênero, identidade, discriminação**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009. p. 115-126.

**MAGALHÃES, I.** Análise de discurso crítica: questões e perspectivas para a América Latina. In: RESENDE, V.; PEREIRA, F. H. Práticas socioculturais e discurso. **Debates transdisciplinares**. (orgs.) LabCom Books, 2010. p. 09-28.

**MELO, I. F.** Análise crítica do discurso. **Um estudo da representação de LGBT em jornais de Pernambuco**. Recife: EDUFPE, 2010.

**PEDRO, E. R.** Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: \_\_\_\_\_. (org.). Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997. p. 19-46. (Coleção universitária. Série Linguística)

**PEDROSA, C. E. F.** Gênero textual “frase”: marcas do editor nos processos de retextualização e (re)contextualização. 2004. 185f. Tese (Doutorado em



**Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.**

**SOUSA SANTOS, B.** Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. **São Paulo: Boitempo, 2009.**

**SPIVAK, G. C.** *The new subaltern: a silent interview.* In: **CHATURVEDI, V.** Mapping subaltern studies and the postcolonial. **Londres: Verso, 2000. p. 324-340.**

**VAN DIJK, T. A.** *Multidisciplinarity CDA: a plea for diversity.* In: **WODAK, R.;** **MEYER, M. (orgs.)** Methods of critical discourse analysis. **2. ed. Londres: Sage, 2005, p. 95-120.**

\_\_\_\_\_. *Discurso e poder.* **Tradução Judith Hoffnagel. São Paulo: Contexto, 2008.**

